



Podcasts sobre autismo: uma proposta de análise de capas¹

Podcasts on autism: a proposal for cover analysis

Podcasts sobre autismo: uma proposta para el análisis de portada

Ana Rita Vidica - Universidade Federal de Goiás | Goiânia | Goiás | Brasil. E-mail: ana_rita_vidica@ufg.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6253-4428>

Ricardo Pavan - Universidade Federal de Goiás | Goiânia | Goiás | Brasil. E-mail: rpavan@ufg.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6226-1562>

Tiago Abreu - Universidade Federal de Goiás | Goiânia | Goiás | Brasil. E-mail: tiagoabreupro@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4909-1575>

Resumo: O Transtorno do Espectro do Autismo é uma categoria diagnóstica que, socialmente, se traduz na existência de uma comunidade formada por pessoas engajadas pelo tema e representação social de pessoas autistas. Com base nesta premissa, aproximamos os estudos críticos do autismo com os Estudos Culturais. A partir destas aproximações conceituais, propomos uma análise de capas de podcasts brasileiros sobre autismo presentes nas plataformas digitais a partir do modelo de análise cultural e as reflexões sobre como pensamos as imagens, para observar as conjunturas envolvidas nos elementos das imagens, as questões políticas abordadas nos estudos críticos do autismo e suas representações midiáticas. Obtemos como resultados a percepção de que as capas de podcasts produzidos por autistas carregam diferenças culturais em relação àquelas produzidos por profissionais e especialistas em autismo.

Palavras-chave: podcast; autismo; análise cultural.

Abstract: Autism Spectrum Disorder is a diagnostic category that, socially, translates into the existence of a community formed by people engaged by the theme and social representation of autistic people. Based on this premise, we approach critical studies of autism with Cultural Studies. Based on these conceptual approaches, we propose an analysis of the covers of Brazilian podcasts about autism present in digital platforms based on the cultural analysis model and reflections on how images think, to observe the conjunctures involved in the elements of the images, the political issues addressed in critical studies of autism and its media representations. We obtained as results the perception that the covers of podcasts produced by autism carry cultural differences in relation to those produced by professionals and specialists in autism.

Keywords: podcast; autism; cultural analysis.

¹ A proposta do texto foi apresentada no 2º Colóquio de Pesquisas com Imagens, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, contudo sem publicação do mesmo.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2022v10id4828>





Resumen: El Trastorno del Espectro Autista es una categoría diagnóstica que, socialmente, se traduce en la existencia de una comunidad formada por personas comprometidas con la temática y representación social de las personas autistas. Partiendo de esta premisa, abordamos los estudios críticos del autismo con Estudios Culturales. A partir de estos enfoques conceptuales, proponemos un análisis de las portadas de los podcasts brasileños sobre el autismo presentes en las plataformas digitales a partir del modelo de análisis cultural y sobre cómo piensan las imágenes, para observar las coyunturas involucradas en los elementos de las imágenes, las cuestiones políticas abordadas en los estudios críticos del autismo y sus representaciones mediáticas. Obtuvimos como resultados la percepción de que las portadas de podcasts producidas por autismo conllevan diferencias culturales en relación a las producidas por profesionales y especialistas en autismo.

Palabras clave: pódcast; autismo; análisis cultural.

Recebido em: 20/10/2021

Aprovado em: 29/08/2022



1 Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma classificação diagnóstica da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), da Associação Psiquiátrica Americana, de 2013. Conforme Araújo e Lotufo Neto (2014), o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades em dois domínios: comunicação e interação social, além de comportamentos restritos e repetitivos.

Ao longo da história oficial do autismo enquanto diagnóstico, diferentes vozes se propuseram a falar sobre o transtorno. Segundo Donvan e Zucker (2017), a princípio, até meados da década de 1950, apenas profissionais. A partir dos anos 1960, um ativismo parental se desenvolveu. No final do século XX, pessoas autistas começaram a se inserir no debate público do autismo. Isso significou a formação de uma comunidade que não apenas se reconhece como minoria, mas se desenvolve com características próprias, em alguns casos até descrita como dotada de uma cultura própria (KAPP, 2020).

Isso envolve uma percepção das questões socioculturais do autismo que podem representar não só estilos de vida e de consumo, mas também distinções na adoção de imagens e representações do autismo, bem como os temas que podem interessar (ou engajar) as pessoas envolvidas neste processo (WALTZ, 2012; READING, 2018).

Uma das formas pelas quais pessoas engajadas na causa do TEA encontraram para se expressar em rede foi por meio da produção em podcasting. Ferrareto (2007) define podcasting como “forma de difusão pela internet de arquivos ou séries de arquivos – os podcasts –, não apenas de áudio, mas abrangendo outros tipos, como vídeo ou fotografias”.

O primeiro podcast sobre autismo lançado no Brasil, a Rádio Autismo, cuja data é de 2007, não possui nenhum registro remanescente nas plataformas digitais. É sintomático que todas as informações dos episódios – sejam título, texto e autoria –



ainda sejam acessíveis em uma versão arquivada da página no Internet Archive, exceto as imagens que o representa.²

Assim como não há registros remanescentes das imagens do podcast Rádio Autismo, imagens não necessariamente são o elemento mais lembrado de um podcast, geralmente caracterizado pelo som, embora também existam podcasts em vídeo. Por isso, produtores de podcast não necessariamente possuem a preocupação em constituir uma identidade visual de seus programas. Apesar disso, capas de podcasts e seus respectivos episódios se tornaram, nos últimos anos, elementos mais importantes que em anos anteriores, graças ao incentivo de plataformas de streaming como o Spotify e a competitividade por audiência conforme o aumento expressivo de novos podcasts (ALECRIM, 2020).

Podcasts produzidos em 2008, próximos à datação do primeiro podcast sobre autismo, não necessariamente carregavam uma identidade visual consolidada – e podcasts antigos sobre autismo de outros países como “Aspie Friendly - Practical Autism Solutions”³ e “LD Podcast”⁴, ambos de 2008, são caracterizados pela simplicidade em relação ao conteúdo visual.

Desta forma, entendemos a importância de se compreender como capas de podcasts sobre autismo são carregadas de questões culturais. Nossa hipótese é que elas revelam elementos presentes no debate da comunidade do autismo ao longo da história que dizem respeito aos produtores envolvidos, sejam eles profissionais, familiares ou pessoas autistas.

² Uma versão arquivada da página, feita em 2009, está disponível em: <https://web.archive.org/web/20090214043408/http://radioautismo.mypodcast.com/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

³ “Aspie Friendly” é produzido por Lorin Neikirk, autista, e tem a intenção de mostrar a “lógica autística”.

⁴ Assinado por Whitney Hoffman, um profissional também familiar de autista, “LD Podcast” aborda déficits de aprendizagem.



2 Autismo e estudos culturais

Apesar do autismo ser um tópico intuitivamente ligado às ciências da saúde, especialmente pela sua formação a partir do desenvolvimento da psiquiatria da infância, essa condição tem se expandido como tema e objeto de vários campos do saber, como a Psicologia, a Educação, a Arquitetura, a Antropologia e a Sociologia.

O'Dell *et al.* (2016) enfatiza que existem várias formas de se compreender o autismo. A mais comum delas centra-se nos déficits apresentados pelos indivíduos que são diagnosticados com a condição. Por outro lado, existem diferentes percepções em disputa no campo do autismo, entre elas um equilíbrio entre déficits e a valorização das habilidades de pessoas autistas. Ao mesmo tempo, também há diferenças em como países e organizações entendem e lidam com a temática do autismo.

Em 2010, Joyce Davidson e Michael Orsini cunharam a expressão “estudos críticos do autismo” em um workshop sobre autismo no Canadá⁵. Mais tarde, o termo se desenvolveu na obra “Worlds of Autism: Across the spectrum of neurological difference”⁶, de 2013 (O'DELL *et al.*, 2016). Os autores definem os estudos críticos do autismo a partir de três objetivos: 1) compreender como relações de poder moldam o campo do autismo; 2) promover discursos que contestem narrativas sobre autismo engendradas em déficits que influenciam a cultura, a política e a opinião pública; 3) desenvolver “novos quadros analíticos usando abordagens metodológicas e teóricas inclusivas e não redutivas para estudar a natureza e a cultura do autismo” (DAVIDSON; ORSINI, 2013 *apud* O'DELL, 2016).

Por outro lado, segundo uma interpretação mais restrita de Runswick-Cole, Mallett e Timimi (2016), os estudos críticos do autismo são um conjunto de estudos e pesquisas interdisciplinares sobre o tema que podem reunir uma perspectiva crítica da psiquiatria, psicologia social, ciências sociais, estudos da deficiência, estudos culturais e outros campos do saber, como a educação. Já Woods *et al.* (2018, p. 4) defendem que uma pesquisa dentro dos estudos críticos do autismo deve ser

⁵ O workshop ocorreu na Universidade de Ottawa, em Ottawa.

⁶ Tradução nossa: Mundo do Autismo: atravessando o espectro das diferenças neurológicas.



“inclusiva, crítica, permitir novas linhas de investigação e ter integridade epistemológica”⁷ (tradução nossa)⁸.

Compreendemos que os Estudos Culturais, assim como os estudos críticos do autismo, também se caracterizam pela interdisciplinaridade. Escosteguy (2000, p. 3) destaca que os Estudos Culturais não surgem como disciplina, e sim como um meio de intersecções de múltiplas disciplinas “no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea”. Na década de 1950, especialmente pelas contribuições teóricas de Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, é que os Estudos Culturais surgem como uma criação britânica e, décadas depois, se expandem em países de outros continentes, como a Oceania, África e América.

Um dos pontos mais relevantes da consolidação dos Estudos Culturais centrou-se em uma expansão da noção de “cultura” – antes entendida a partir das práticas e tradições das elites e, mais tarde, ressignificada como práticas vividas (ESCOSTEGUY, 2000). Já Cascio (2015, p. 3), ao analisar publicações relacionadas aos estudos do autismo e os estudos críticos do autismo, nos alerta sobre a falta de uniformidade do que é entendido como “cultura” e o uso desta expressão. Por outro lado, defende que o conceito de cultura “deve ser problematizado devido ao seu potencial de fetichização, exotização e alterização” (tradução nossa)⁹ e que no circuito do autismo o termo cultura tem sido comumente utilizado para definir o “outro”, como populações não inseridas num contexto anglo-saxão, como brasileiros, indianos e italianos.

Apesar disso, entendemos que os Estudos Culturais e estudos críticos do autismo convergem em constituir relações entre as práticas culturais com os significados políticos as quais estão associadas. Afinal, os estudos críticos também servem para a emancipação de vozes autistas como sujeitos ativos na produção de conhecimento sobre o autismo (WOODS *et al.*, 2018).

⁷ Integridade epistemológica aqui se refere à validade da participação e do pensamento de autores e teóricos autistas. Segundo os autores, a contribuição de autistas é ignorada por certos autores sem deficiência que pesquisam sobre autismo.

⁸ “A CAS definition must be inclusive, be critical, allow new lines of inquiry and have epistemological integrity; the latter is important for the discipline’s external acceptance”.

⁹ “I want to acknowledge that this concept has been and should be problematized due to its potential for fetishization, exoticization, and Othering”.



Hall (2006) nos demonstra que, pelo menos desde o século XX, o mundo tem sido modificado de forma estrutural pela questão das identidades culturais em relação aos conceitos de sujeito e nação. Esta mudança da noção de identidade cultural foi impulsionada pelo processo de globalização iniciado nas décadas finais deste período.

A noção de “ser autista” como uma identidade cultural também faz parte deste processo no ativismo do autismo, a partir de quatro grandes marcos: 1) a estreia de Temple Grandin, primeira autora autista notável, com o livro “Emergence” em 1986); 2) a formação da Autism Network Internacional em 1991 e a declaração “Não chore por nós” de Jim Sinclair de meados de 1993; 3) a elaboração do conceito de neurodiversidade pela socióloga Judy Singer, no final da década de 1990; 4) a criação do Dia do Orgulho Autista em 2004, comemorado anualmente em todo 18 de junho.

Tudo isso propiciou uma teia de relações e conflitos dentro da comunidade do autismo, hoje comumente lida como um espaço compartilhado entre pessoas autistas, profissionais e familiares do autismo (RIOS, 2017). Na prática, isso também permitiu a existência de obras culturais relacionadas ao autismo produzidas pelas pessoas inseridas nesta comunidade, como canais no YouTube, livros, páginas em mídias sociais e também podcasts (MENDONÇA, 2019). Este último, sendo objeto de atenção neste artigo.

3 Relações entre podcast e cultura: uma proposta de olhar

Neste artigo, relacionamos a produção de podcasts sobre autismo no Brasil – aqui representada pela lista de Abreu e Pavan (2021) – com o modelo de análise cultural proposto por Williams (1965) para nos ajudar a pensar como as capas de podcasts sobre autismo trazem questões culturais.

Trazemos a noção de cultura no contexto do autismo apresentada por Davidson (2008), que aproximou as experiências tidas na comunidade do autismo com a ideia de experiências compartilhadas. Embora não defenda a existência de uma identidade autista essencial, a autora observa que, no contexto do autismo, há uma complexidade em pensar questões de identidade, cultura e diferença.

Em “The Long Revolution” (1965), Williams enumera três categorias gerais de definição de cultura: 1) ideal: estado ou processo de atuação humana universal; 2)



documental: uma espécie de registro da atividade criativa humana; 3) social: descrição de uma forma específica de vida, que expressa valores dentro da sociedade. Para cada uma dessas categorias, há um tipo específico de análise cultural.

Para a compreensão dessas categorias, parte-se da leitura de Monteiro e Azambuja (2018) e Moraes (2016), a fim de traçar uma forma de fazer uma análise cultural, que será a base às leituras das capas de podcasts de autismo. Partindo do pressuposto de que há sentidos além da arte em si e que isso estaria relacionado a uma redefinição da política cultural, Monteiro e Azambuja (2018) defendem que o materialismo cultural foi desenvolvido a partir da noção social de cultura, afinal

A noção expandida de cultura precisava, em contrapartida, incluir os significados e valores que organizam a vida comum, ou seja, a cultura deveria ser pensada como parte constitutiva da vida concreta e não como uma instância separada. Tornou-se impossível, a partir desse movimento, separar questões culturais de questões políticas e econômicas. (MONTEIRO; AZAMBUJA, 2018, p. 51)

Para Moraes (2016), a análise cultural, dentro do contexto dos estudos culturais, tem um caráter político (dialoga com o marxismo), é conjuntural (responde aos contextos em que está inserida) e, enquanto abordagem, compreende produção e consumo de cultura como um pré-requisito da vida em sociedade.

Para isso, trabalhamos a análise de cinco capas de podcast, com um olhar contextualizado a partir das imagens em si, articulando as conjunturas envolvidas nos elementos das imagens, as questões políticas já analisadas nos estudos críticos do autismo, e suas representações midiáticas. Temos, como hipótese, que existem diferenças significativas entre capas de podcasts feitos por autistas das capas de podcasts produzidos por profissionais que dizem respeito às discussões epistemológicas dos estudos críticos do autismo.

Após a análise das cinco capas de podcast, duas delas feitas por profissionais e três por autistas, escolhemos observar individualmente uma das capas de acordo com as reflexões de Samain (2012) sobre como as imagens dão algo a pensar. O autor define quatro etapas que fazem parte de um processo combinatório que as caracterizam como participantes de um sistema de pensamento – para se moldar, se construir, se emergir e para viver – e as trazemos para a observação de um dos podcasts.



Escolhemos Samain (2012, p. 30), neste caso em específico, pelo fato de o autor defender que a imagem “é um *fenômeno* na medida em que é, com efeito, o resultado de um processo que combina aportes dos mais variados”. Para o autor, toda imagem é um fenômeno, uma vez que é “algo que vem à luz”, uma aparição, um acontecimento, uma epifania, uma revelação (até no sentido fotográfico do termo). Essa aparição se dá por processo combinatório que envolve o suporte ao qual foi produzida para se moldar, a pessoa que a construiu, a sua existência no tempo e no espaço e o modo como emerge visualmente e como passa a existir para os espectadores. Logo, a imagem é a combinação destes quatro aportes (para se moldar, se construir, se emergir e para viver) que configuram o que o autor chama de “sistema de pensamento”.

Como Samain (2012) apresenta essa visão de a imagem não está “solta” no mundo, mas participa de um processo combinatório que deve a sua existência, essa perspectiva se encaixa com o próprio sentido multimídia que podcasts e suas respectivas imagens estão inseridas, uma vez que também não estão “soltas”, mas participam de combinações como destes aportes apontados pelo autor, que serão explicitadas ao olhar, de modo mais detido, uma das capas de podcast escolhida. Também entendemos, desta forma, que capas de podcast carregam uma função e um sentido para além da simples exposição dentro de plataformas de áudio.



4 Proposta de análise de capas

Trazemos a lista original de Abreu e Pavan (2021), que apresenta um total de 13 podcasts brasileiros sobre autismo com 10 ou mais episódios para a análise de capas em questão:

Tabela 1 - Podcasts brasileiros sobre autismo com 10 ou mais episódios em 6 de fevereiro de 2021.

Nome do podcast	Ano de lançamento	Número de episódios	Produzido por
ABACast	2018	271	Profissionais
AspieGirl	2020	27	Autistas
Autismo Brasil Podcast	2014	20	Profissionais
Autismo no Rádio	2017	20	Profissionais
AutismoCast	2020	17	Profissionais
AutistaSemRegras - Theraplin	2020	24	Profissionais, Familiares
Café com Espectro	2020	13	Autistas, Profissionais
Desfragmentando	2018	10	Autistas
Falando sobre Autismo	2020	18	Profissionais, Familiares
Introvertendo	2018	159	Autistas
MEU MUNDO AUTISTA	2020	33	Familiares
Mundo da Mi	2016	35	Familiares
O Mundo Autista	2020	10	Autistas
PodKast com K	2020	10	Autistas
Spectre	2020	19	Autistas

Fonte: ABREU, Tiago; PAVAN, Ricardo (2021).



Dos 13, escolhemos cinco podcasts para análise cultural de suas respectivas capas: ABACast (profissionais), AutismoCast (profissionais), AspieGirl (autistas), Desfragmentando (autistas) e Spectre (autistas). ABACast e AutismoCast são caracterizados como produções de profissionais, enquanto AspieGirl, Desfragmentando e Spectre são assinados por autistas.

A escolha de dois podcasts feitos por profissionais e três de autistas se justifica pela proporção maior de podcasts feitos por autistas na lista original. Portanto, neste artigo, não nos cabe investigar as percepções de familiares sobre o autismo, visto que nenhum podcast do gênero foi incluso.

Para analisar as capas, propõe-se fazer um exercício de montagem (figura 1), a fim de agrupar as cinco capas para perceber a relação entre elas. Entendemos, a partir de Didi-Huberman (2013), a função da montagem das capas muito além da simples comparação, mas com o objetivo dialético “de expor visualmente as discontinuidades do tempo que atuam em todas as sequências da história” (p. 400), a seguir:

Figura 1 - Montagem de capas de cinco podcasts sobre autismo



Fonte: dos autores.



Os dois podcasts categorizados por profissionais escolhidos para análise, ABACast e AutismoCast, carregam em comum o destaque de uma figura feminina com os olhares alinhados para a esquerda e um destaque para o microfone - no caso do ABACast, desenhado graficamente enquanto o do AutismoCast também é representado dentro da fotografia.

As figuras femininas da capa são as apresentadoras dos podcasts e, justamente pela posição que ocupam, exercem uma autoridade enquanto profissionais. Mallett e Runswick-Cole (2012), ao utilizarem o conceito marxista de comoditização para análise do autismo, observam uma relação econômica do transtorno marcada pela centralidade do saber profissional.

Desta forma, é possível afirmar que as apresentadoras do podcast, a partir das imagens, compartilham seus saberes (comumente científicos) sobre o autismo em direção a familiares, autistas e demais pessoas engendradas num processo de conhecimento sobre o transtorno marcado pelo lucro.

Apesar disso, as capas do podcast também possuem dessemelhanças. AutismoCast é caracterizado, especialmente, por destacar logotipos de várias plataformas de podcast, entre elas o Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Deezer, além de conter o logotipo do YouTube. Eles são dispostos em cores, enquanto a fotografia é utilizada em escala de cinza.

ABACast, por outro lado, é uma capa sustentada por tons de azuis, presentes desde o fundo até parte do logotipo e da inserção da apresentadora. É importante destacar, aqui, o uso comum da cor azul para caracterização do autismo, um fenômeno frequente na comunidade do autismo. No Brasil, em especial, a cor azul também está diretamente associada a expressões como “mundo azul” e “anjo azul” para se referir a autistas (BRILHANTE *et al.*, 2021; ALMEIDA *et al.*, 2019; VIEIRA, 2019).

Pereira e Souto (2019) salientam que existem críticas frequentes à representação do autismo baseada na cor azul, especialmente em relação a questões de autismo e gênero, pois:



Apesar de não haver unanimidade de pensamento a respeito do emprego das cores do arco-íris, é sabido que a cor influencia diretamente na percepção de determinados produtos ou símbolos [...]. Já que o azul remete a questões de gênero e pode, de uma forma ou outra, contribuir para a invisibilidade do autismo feminino, mudar a cor pode ser um avanço importante no movimento. (PEREIRA; SOUTO, 2019, p. 1409)

Os três podcasts categorizados por autistas possuem elementos mais heterogêneos. Enquanto Spectre e Desfragmentando não possuem fotografias, AspieGirl estampa a imagem de sua apresentadora, uma figura também feminina como as duas profissionais do AutismoCast e ABACast. Por outro lado, em AspieGirl não há microfones, tampouco uma expressão expositiva como nos podcasts produzidos por especialistas.

Spectre também carrega uma diferença significativa em relação a ABACast, por se apropriar de um espectro de cores ao invés do azul criticado por alguns autistas. Segundo Pereira e Souto (2019), o uso do arco-íris tem sido incentivado por ativistas que militam no movimento da neurodiversidade. Destacamos também o uso do arco-íris em referência ao movimento LGBT e a diversidade dentro do espectro do autismo – representada por autistas de múltiplos gêneros, sexualidades, cores e etnias (KAPP, 2020).

Por fim, escolhemos a capa do podcast Desfragmentando, como a capa mais destoante, a qual destacamos na figura 2, para uma compreensão dos seus processos combinatórios de existência, de acordo com Samain (2012):



Figura 2 - Capa do podcast Desfragmentando



Fonte: Anchor (2019).

Desfragmentando é hospedado no Anchor, uma plataforma gratuita de podcasts adquirida pelo Spotify em 2019. Diferentemente de outras plataformas e servidores de podcast, o Anchor oferece ferramentas de edição de áudio e de composição de capas de podcast, o que se trata do caso de Desfragmentando.

Apesar de ser contraintuitivo, escolhemos Desfragmentando para a observação de suas quatro etapas que a fazem participante de um “sistema de pensamento” justamente pela simplicidade comumente associada ao processo de produção de podcasts e pela automatização do projeto gráfico de alguns podcasts distribuídos pelo Anchor, como é o caso de Desfragmentando.

Percebemos que, *para moldar*, foi utilizado um processo digital de imagens automatizado sem referências do autismo ou personalização de fontes ou a questão da cor. *Para construir e moldar*, uma pessoa que tem uma ligação provavelmente direta com o autismo, mas que não constrói relações diretas com representações do transtorno. *Para viver*, notamos o uso prático em plataformas de streaming e aplicativos de podcast.



A simplicidade da capa de Desfragmentando parece se relacionar com a própria descrição feita pelo apresentador (neste caso, sem identificação direta) nas plataformas: “Tosco e rudimentar. Podcasts curtos, diretos e sozinho”¹⁰.

5 Considerações finais

Embora ainda haja a noção primária de que podcasts podem ser entendidos apenas por suas funções sonoras, as imagens indicam caminhos levantados em hipóteses anteriores. Em análise de conteúdo das descrições dos podcasts de Abreu e Pavan (2021), era perceptível uma tendência de autistas apresentarem narrativas em primeira pessoa e de profissionais se definirem como autoridades no conhecimento sobre autismo.

A hipótese é ainda mais sólida caso considerarmos, por exemplo, os elementos visuais de ABACast e AutismoCast, podcasts feitos por profissionais e que já carregavam em suas descrições uma perspectiva de ensino. Apesar disso, é importante reiterar que, para uma observação completa do fenômeno e confirmação da hipótese, ainda é indispensável uma análise de conteúdo dos episódios propriamente ditos dos respectivos podcasts. Comparar podcasts brasileiros com as produções de outros países conforme a lista de Pavan e Abreu (2020) também é uma direção possível e importante para alcançar consistência em futuras investigações.

Ao considerar as semelhanças e dessemelhanças das imagens, é possível afirmar que o uso da análise cultural no contexto das imagens é pertinente mesmo para mídias popularmente pensadas apenas por suas características sonoras, como os podcasts. Assim, é importante pensar a possível crescente relevância recente das imagens para estas mídias.

Diante disso, percebemos a presença de elementos que aparecem ao longo da história do autismo e seus conflitos particulares, seja pelo uso de cores e representações que reforçam estereótipos, seja pela forma como os diferentes interessados pela causa produzem seus conteúdos. Os estudos críticos do autismo, um campo interdisciplinar em desenvolvimento e maior definição, podem se

¹⁰ Disponível em: <https://anchor.fm/desfragmentando>. Acesso em: 12 out. 2021.



entrecruzar com as reflexões imagéticas de capas de podcast e, assim, descrever as relações e conflitos da comunidade do autismo.

Referências

- ABREU, Tiago; PAVAN, Ricardo. Podcasts sobre autismo no Brasil: uma introdução. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MÍDIA, CULTURA, CIDADANIA E INFORMAÇÃO, 14., 2021, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 2021, p. 974-984, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SYgK1G_GTieDmYrqDoLQeOwV3OY4EVwA/view. Acesso em: 12 out. 2021.
- ALECRIM, Emerson. **Spotify chega a 286 milhões de usuários e a 1 milhão de podcasts**. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/336223/spotify-resultados-financeiros-1-tri-2020-286-milhoes-usuarios/>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- ALMEIDA, Eloizia Dinecy Costa de *et al.* A criança autista e o princípio da igualdade: a inclusão do "mundo azul". *In*: SEMANA DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE TIRADENTES - SEMPESq, 21., 2019. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/sempeq/article/view/13270>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- ARAÚJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação americana para os transtornos mentais—o DSM-5. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, v. 16, n.1, p. 67-82, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/659>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- BRILHANTE, Aline Veras Morais *et al.* "Eu não sou um anjo azul": a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 417-423, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n2/417-423/>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- CASCIO, M. Ariel. **Cross-cultural autism studies, neurodiversity, and conceptualizations of autism**. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11013-015-9450-y>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- DAVIDSON, Joyce. Autistic culture online: virtual communication and cultural expression on the spectrum. **Social & cultural geography**, v. 9, n. 7, p. 791-806, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649360802382586>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. **O que é, afinal, estudos culturais**, v. 3, p. 133-166, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5745079/mod_resource/content/0/Aula%2012b_Silva_Escosteguy%20-%20O%20que%20e%2C%20afinal%2C%20Estudos%20Culturais.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.



FERRARETTO, Luiz Artur. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO*, 30., 2007, Santos. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em:

https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/convergencia_tecnologica_ferrareto.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAPP, Steven K (org). **Autistic community and the neurodiversity movement: stories from the Frontline**. Springer Nature, 2020. Disponível em:

<https://link.springer.com/book/10.1007/978-981-13-8437-0>. Acesso em: 6 jun. 2021.

MALLETT, Rebecca; RUNSWICK-COLE, Katherine. Commodifying autism: the cultural contexts of 'disability' in the academy. *In: DISABILITY and social theory*. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 33-51. Disponível em:

https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781137023001_3. Acesso em: 19 jun. 2021.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. Manduruva Edições Especiais, 2019.

MONTEIRO, Márcio; AZAMBUJA, Patrícia. Análise cultural de produtos audiovisuais: relato de construção de protocolo teórico-metodológico. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, n. 41, 2018. Disponível em:

https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5482. Acesso em: 7 jun. 2021.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em:

<http://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 7 jun. 2021.

O'DELL, Lindsay et al. Critical autism studies: exploring epistemic dialogues and intersections, challenging dominant understandings of autism. **Disability & Society**, v. 31, n. 2, p. 166-179, 2016. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2016.1164026>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PAVAN, Ricardo; ABREU, Tiago. A comunicação das diferenças: um mapeamento dos podcasts sobre o autismo no mundo. *In: MAIA, Juarez Ferraz de; BORGES, Rosana Maria Ribeiro; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto (org.). Estudos contemporâneos em jornalismo*. Goiânia: Cegraf UFG, 2020, v. 8, p. 259-271. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/E-book_2020.pdf?1607086179. Acesso em: 16 jul. 2021.

PEREIRA, Anne Karolyne Mendes; SOUTO, Virgínia Tiradentes. A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres. *In: FADEL, Luciane Maria; SPINILLO, Carla; HORTA, Anderson; PORTUGAL, Cristina (org.). Anais do 9º Information Design International Conference e 9º Information Design Student Conference*. Belo Horizonte : Sociedade Brasileira de Design da Informação SBDI, 2019, p.1403–1411. Disponível em:

<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/9cidi/3.0294.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.



READING, Anna. Neurodiversity and communication ethics: How images of autism trouble communication ethics in the global age. **Cultural Studies Review**, p. 113-129, 2018. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/informit.061065951629708>. Acesso em: 12 jul. 2021.

RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 212-230, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/86hndtKbjyBGHDT7txTmR9G/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2021.

RUNSWICK-COLE, Katherine; MALLETT, Rebecca; TIMIMI, Sami (org). **Re-thinking autism: diagnosis, identity and equality**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2016.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Ed. Unicamp, p. 21-36, 2012.

VIEIRA, Jéssica Keylly da Silva. **Maternidade azul: percepção de mães acerca do transtorno do espectro autista**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/11571>. Acesso em: 16 jul. 2021.

WALTZ, Mitzi. Images and narratives of autism within charity discourses. **Disability & Society**, v. 27, n. 2, p. 219-233, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2012.631796>. Acesso em: 10 jun. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Londres: Penguin Books, 1965.

WOODS, Richard *et al.* Redefining critical autism studies: A more inclusive interpretation. **Disability & Society**, v. 33, n. 6, p. 974-979, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2018.1454380>. Acesso em: 13 jul. 2021.